

# AS MÁSCARAS\*

**Rodrigo Siqueira Batista**

*O diamante bruto é aquele que se entrega  
E a lápide que se processa  
Nem sempre traz a certeza  
Da melhor solução*

Descerrei as portas da taverna e saí. Ao meu lado, a Vida, assoviando uma canção antiga, plantando-me o regozijo interior.

Nosso caminhar ia tranquilo, por entre melodias, palavras felizes e reflexões. Encontrava-me ébrio. Seguíamos os entes do tempo, arrastando-nos pelas veredas sagradas de uma noite ecumênica.

Eis que a sombra surge sorrateira, ganhando forma à minha esquerda. Uma voz rouca eclode do seu âmago, macia e soturna:

— *Vim levar-te a companheira, meu dileto. Já passa há muito este momento. Ou crês que na imortalidade repousarás incólume?*

Observo e absorvo aquele rosto frio. Minha companhia, cantarolante até então, emudece e passa a olhar para trás, buscando as reminiscências inalcançáveis. Estabelece-se um nicho de mutismo entre os três. A temperatura cai. O sono se faz presente.

— Mas por que tão cedo? — digo. Não será ainda o tempo das canções para este que vos fala?

— *É chegada a hora de calar. Entrementes, tenho algo a dizer. Sou abjurada, malvista e desprestigiada, em verso e prosa, ao longo dos tempos... Todos me querem mal,*

---

\*Obra publicada no livro *Contos do não-tempo* (Évora, Portugal, 2008).

*temem a minha chegada e presença, sem ao menos perguntar-se o porquê. É um julgamento sem direito a defesa... Sem minha voz...*

— Finde então o livro. Que queres mais de mim?

— *Peço que antes do desfecho, ouça o verdadeiro cantar daquela que o acompanha — a qual julgas aliada... Perceba a real melodia da existência, neste derradeiro suspiro... Que as máscaras tornem aos seus verdadeiros atores!*

— De acordo. Seja feita vossa vontade.

A Vida nada respondeu. Com uma face impassível, ergueu os olhos, tomou fôlego e suspirou, lançando sua voz ao mundo... Os céus calaram-se e abriu-se o lirismo em dor. As mais afinadas sopranos estacionaram para ouvir aquele cantar, majestosamente inquietante, misticamente infame.

Constelações de lágrimas rolaram pela face dos anjos que habitam no etéreo descanso. As águas dos rios desviaram-se do seu curso. A noite inverteu-se com o dia, permitindo, enfim, a batalha entre Sol e Lua. Ventos uivaram silenciosos, mares romperam-se revelando suas entranhas, vales criaram sulcos e rasgaram montanhas em seu vértice, trazendo Aquele que tudo vê, à minha presença. Genuflexões das florestas diante dos *icebergs* perdidos, irradiaram luz e calor. Guerras e pestilência evocaram a realeza daqueles impérios. Algia, doença e desesperança, por todos os lados, era o que se via. Infelicidade que rasga o cerne do ente, rompendo todo e qualquer significado de um sorriso.

Rompeu-se a fragmentária unidade cósmica. A Eternidade Inteligente, prestes a fitar-me, enfim. Sussurros para ouvidos moucos ecoaram distantes e a voz rouca sobressaiu:

— *Eis que te digo agora a minha verdade, a história contundente desta que vos fala:*

*Chegas a minha porta, com fome e sede  
Eis que me cumprimentas com pedras na mão...  
— Sou tua Morte!, grito para que saibas...  
Enfim, abro a porta  
E convido-o a entrar.  
Num gesto de cordialidade, acendo a lareira  
Para que eu não pereças pelo frio que corta a carne.  
O bom vinho, deito em teu cálice  
O saboroso assado, sirvo diante de ti.  
Te fartas e te inebrias com minha hospitalidade.  
Durmo, acordo e encontro-o dormindo  
Perdido por um vale de belas flores quiméricas,  
mortas.  
Velo o teu sono  
Contemplando no silêncio frio da noite o Templo que  
se ostenta ante mim  
Belo e perfumado pelo éter sagrado  
Acordas, mas ponho-te a dormir de novo  
Agora não mais por entre flores mortas  
Mas em jardins coloridos, ensolarados por novos dias  
que virão  
Em uma nova e atemporal dimensão  
Que já não alcanço mais...*

• • •

As manhãs ensolaradas perpetuavam-se,  
subservientes a noites e lágrimas de estrelas.